

GÊNERO E SEXUALIDADE NA SALA DE AULA: NARRATIVAS DE PROFESSORA E ALUNAS(OS) DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Juliana Gomes Santos da Costa*

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: O texto a seguir trata-se de um relato de experiência que mostra o olhar de uma docente para sua prática pedagógica, através de narrativas que evidenciam o processo de produção e reprodução identitária que ocorrem na escola. Tais escritas narram vivências e reflexões do processo de ensino-aprendizagem de duas turmas do quarto ano do ensino fundamental de escolas públicas estaduais de Campinas. As experiências narradas trazem questões que perpassam gênero e sexualidade, discutindo e construindo reflexões de como se dá a correlação destes temas na educação de crianças. Sendo assim, o texto focaliza a experiência docente em duas escolas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo nos anos de 2013 e 2014, colocando em diálogo experiências docente/discentes e rotinas escolares, que proporcionaram narrativas e reflexões de práticas pedagógicas. A investigação narrativa foi feita contando com registros escritos pela docente e momentos de narrativas escritas e orais pelos alunas(os) do ensino fundamental que foram subsidiados pela teoria histórico-cultural e pautados pela Pedagogia histórico-crítica. O texto traz reflexões que evidenciam aspectos importantes sobre o “olhar” das crianças, seus posicionamentos, suas questões a partir do que cada uma traz construído em sua educação escolar e não-escolar acerca de gênero e sexualidade. Metodologicamente, a pesquisa se estruturou em vários momentos que estiveram em movimento constante: aula, conhecimento sistematizado permeado de conversas sobre a realidade e as questões de alunas(os) de quartos anos do ensino fundamental, escritas e desenhos para registros, rodas de debate, teatro, etc. Tiveram ainda dois papéis que se tornaram diversos papéis e inversos em alguns momentos: (1) docente/pesquisadora/aluna/sujeito (professora de ensino fundamental de escola pública estadual da cidade de Campinas); (2) Alunas(os)/“ensinantes”/“pesquisadores”/sujeitos (alunas(os)/crianças de quarto ano do ensino fundamental de escola pública estadual da cidade de Campinas). Como princípio teórico-metodológico, operou-se com os conceitos de narrativas orais por parte de alunas(os) e docente e narrativas escritas por parte da docente. As narrativas da docente em questão são relatos de momentos vividos no cotidiano da escola, da curiosidade de alunas(os) para questões de gênero e sexualidade, aprofundamentos feitos a partir de conversas e da aula como acontecimento para uma formação maior do que o conteúdo da grade curricular. Assim um conhecimento construído por meio da conversa, de discordâncias e concordâncias, buscando a educação integral de aluna(o) “ensinante” e da docente/pesquisadora. Apontamos que os momentos de formação com as crianças/alunas(os) do ensino fundamental possibilitaram um olhar que pode ser visto como simples para questões tão complexas como gênero e sexualidade, mas que são sofisticadas e aprofundadas. Tais sujeitos que fazem parte dessa sociedade e que estão em processo de formação não somente escolar, mas principalmente humana nos surpreendem com suas reflexões que, por vezes, desconstróem a maneira de olhar imposta e os posicionamentos que reproduzem diferença enquanto desigualdade. Com essa reflexão vislumbramos a prática pedagógica como um espaço de reflexão sobre a promoção de diferenças, nos fazendo pensar em como educar para um outro mundo possível.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Gênero e Sexualidade; Escola Pública; Narrativa docente.

* Professora do (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR, do curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas).

Este trabalho é a experiência docente de uma professora de ensino fundamental que atua desde 2010 com crianças entre 8 à 12 anos e tem em relação a temática gênero

e sexualidade duas experiências em escolas públicas estaduais na cidade de Campinas, com contextos distintos nos anos de 2013 e 2014, sendo ambas turmas de quarto ano do ensino fundamental. Em 2013 uma escola localizada numa área tida como de classe média, com uma estrutura escolar satisfatória, com famílias participativas na vida dos alunos e em 2014 em outra escola, mais uma vez num quarto ano, a experiência se deu em outro bairro, localizado na periferia de Campinas, uma escola também com uma estrutura satisfatória e já tendo crianças em que as famílias não seriam tão presentes na vida escolar de seus filhos, colocações vindas da equipe gestora e de outras professoras da escola por meio de reuniões e organização da rotina escolar das crianças.

Nossa perspectiva teórica tem como base a pedagogia histórico-crítica que em relação à educação escolar deve identificar as formas como está expresso o saber objetivo que foi produzido, construído historicamente, vendo neste um movimento dialético, de produção e de transformação contínua. Assim como, também deve converter o saber objetivo em saber escolar, para que o conhecimento seja assimilado pelos alunos no espaço da escola e nos tempos escolares. Por fim, e tão importante, deve-se prover meios para que os alunos assimilem o saber objetivo, não somente na questão do resultado e sim percebendo e discutindo o processo e as tendências para transformação do processo.

A tendência crítica pensando na concepção de criança reconheceria a criança como um ser histórico-cultural, de determinada classe social, de uma determinada cultura que depende de onde essa criança nasceu, viveu e vive. Ainda essa criança ao contrário da tendência romântica estaria no mundo em que os adultos também estão, porém ocupam seu papel social enquanto criança, e isso significa que elas têm características próprias desta faixa etária.

O narrar de uma experiência

A necessidade de escrever sobre a experiência docente parte da necessidade de ter de alguma maneira o registro de momentos, de dúvidas, discussões e aprendizado dos alunos e da docente. Pensada a aula diária durante um ano letivo como um espaço único de troca e tendo essa “aula como acontecimento” (Geraldi, 2010) acreditamos que de alguma maneira deva ter um momento de reflexão para o professor pensar no que representa a aula, a escola, as rodas de conversa e tudo que só a sala de aula com crianças e suas questões quentes efervescendo pode nos dar. Frente a isso a escolha dessa docente em formação que está aprendendo a ser professora foi usar a narrativa escrita e oral, por vezes construída com as/os alunas(os), somente pelas crianças ou somente pela professora em seus momentos de reflexão e estudo sobre a aula.

No entendimento do que se tem por professor-pesquisador e transformador, temos que a formação é um processo contínuo, não somente nos cursos de formação que são oferecidos aos professores seja pela Universidade ou pela escola com temas definidos, mas muito mais uma formação contínua cidadã e humana que toma como tema a sala de aula, as questões que nascem naquele espaço e que suscitam tantas coisas, assim

(...)formar um professor que não abdica do aprender porque a vivencia da curiosidade, da vontade de ver/fazer coisas novas e realidades que não estão dadas, é a possibilidade que tem de contagiar o seu aluno. É um professor que por apropriar-se do seu trabalho, indaga-o e indaga as teorias. É um professor que, capaz de se indignar com as contradições, agrega outros na tarefa de suportar o mundo e de guia-lo por uma historia que não negue a existência humana. Um professor que se capacita para contribuir com a elaboração de uma teoria pedagógica que aposte na infância como produtora de um futuro, de um mundo diferente (...) (Dickel, 1998, p. 67)

Frente a formação de uma professora e a rotina durante um ano com crianças de quarto ano do ensino fundamental temos a escolha por narrativas escritas, entendendo que

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da

subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (Souza, 2008, p. 45)

Assim, a escrita de narrativas das experiências em sala de aula tinham a ideia inicial de escrever sobre a formação, sobre a carreira de uma professora de ensino fundamental público, mas aos poucos se torna tantas coisas, diário pessoal e profissional, história de vida de uma professora e turmas, escritas sobre polêmicas de sala, conversas de corredores, de pátio, viraram planejamento e avaliação de prática pedagógica e ainda poesia. Sem a pretensão em questão, surgem muitas escritas e nesse artigo nossa preocupação é em apresentar escritas que expressam a história de uma turma e discussões vindas deles e sobre eles frente a vida escolar para além das paredes frias e com preocupação com conversas aquecidas pelo entendimento de diversidade, corpo, imposição, sexualidade, preconceito, identidade, gênero, respeito, vontades.

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. (Souza, 2008, p. 45)

Frente a questões sobre sexualidade cercada de risos, mãos escondendo o rosto e cochichos entre elas, as crianças me fazem escrever, me fazem ler, me fazem brigar, me fazem pesquisar. As questões surgem quando a aula e tudo que ela traz, começa a ser tratada como momento de aprender, quando temos crianças mais soltas, menos medo e menos “pecado”, mais conhecer e mais conversa, que as mãos deixem de esconder o rosto

e que a sexualidade venha mais do que como conteúdo de aula, venha como conhecimento de vida.

A sexualidade é questão recorrente em conversas pela sala de aula e pelos cantos da escola, por ser calado, já que “Há ainda, portanto, diante de um possível estranhamento, a tendência de buscar invisibilizar a sexualidade, como se ela fosse um assunto privado, ou que não pertence à escola. (Duque, 2014, p. 258), mas em meio a tantas curiosidades e negativas repetidas pelos adultos o assunto sexualidade é “gritado” pelo corpo e olhares e faz com que a professora busque para além dos conteúdos do livro de Ciências e repense o corpo como mais do que uma página de um livro didático

(...) há transgressões de diferentes ordens. O mais incrível dessas transgressões é que elas denunciam, se por um lado o poder das nossas normas, por outro, o quanto estas são contingenciais e falíveis. E, quando pensadas nessa perspectiva, especialmente sendo problematizadas em espaços formativos, desvelam-se facilmente como algo passível de mudança. Ainda, o mais incrível é que quando damos visibilidade a essas transgressões e, especialmente, ao quanto elas demonstram a falibilidade das nossas normas, descobrimos que são muitas e acontecem em todos os lugares. (Duque, 2014, p. 256)

A mudança na prática acontece mesmo contando com inúmeras surpresas nas questões das crianças se dispor a narrativas orais, rodas sem mãos ao rosto e conversas francas sobre sexualidade e sobre o que há tempos essas crianças assistem como natural, a naturalidade imposta por tantos e ainda por professores que não vivenciaram a mudança, mudança de olhar, de conversas e de prática pedagógica, entendendo assim que a educação escolar numa concepção crítica, reflexiva, histórica tem o processo dialético como base, tem a construção cotidiana de uma educação que supere a “receita” de ensinar o que uma “grade” propõe, o interesse se dá em pensar a educação como integral, num olhar para criança como um sujeito histórico-social-cultural. Sabemos também que as concepções acerca de criança não são hoje únicas nem estáticas, o que reforça a ideia de

que dependemos das influências que temos do meio e do outro para que possamos construir e rever nossas concepções.

Apresentamos assim as narrativas elaboradas pela docente e os momentos em que as narrativas orais, discussões e rodas aconteceram com as turmas de quarto ano do ensino fundamental. Nesse momento os sujeitos dessa pesquisa se misturam, os papéis se apresentam diversos e inversos e tentamos de alguma maneira organizá-lo em **a professora**: docente/pesquisadora/aluna/sujeito (professora de ensino fundamental de escola pública estadual da cidade de Campinas) e ainda professora universitária de um curso de Pedagogia-PARFOR; **as alunas e alunos**: Alunas(os)/"ensinantes"/"pesquisadores"/sujeitos (alunas(os)/crianças de quarto ano do ensino fundamental de escola pública estadual da cidade de Campinas).

As narrativas

Festa junina – “Anarriê”

Semanas e semanas dedicadas a história da festa junina, as escolas se dedicam por meses para isso.

São bandeirinhas e mais bandeirinhas recortadas...são doces e músicas e dança para se fazer algo para outros olharem.

Não adianta discutir, é rotina escolar há décadas... me basta olhar, tentar algum proveito em meio a interrupções na aula para ensaios, reclamações de crianças que precisam fazer “parzinhos” para quadrilha, em meio a isso uma quadrilha se organiza e me questiona em interrogatório.

Por que temos que fazer pares? Por que não podemos dançar de outro jeito? Por que todo ano?

E eu sem resposta indico que negociem com as professoras do ensaio, com as professoras de Educação Física. Mas, então é inegável, essa negociação com as profissionais que trabalham o corpo é de aprisionar o corpo, o corpo feminino precisa acompanhar o corpo masculino.

Já vencidos, tanto a professora quanto a turma e com seus corpos colocados de braços dados e frente da quadrilha, a dança vai começar:

Olha à cobra!!! Não, é mentira. **Olhem as cobras**

Ninguém percebe, ou melhor todos percebem, muitas faltas, tanta gente que não vem no dia do grande baile e aí os ensaios caem por terra e tentam, então, montar os “parzinhos” com o que tem de meninas e meninos... mas, aí, somos surpreendidos por cobras, olhos arregalados e corpos posicionados.

“Vamos dançar juntos, e daí?” É a fala de dois meninos, conhecidos pelo futebol moleque, pelas brigas no recreio e o comportamento de “macho” que se tem. Eles dão os braços e resolvem que irão abrir a quadrilha, como um casal de noivos, como um casal, como duas pessoas que brincam ou como uma provocação para aqueles olhos arregalados que sem entender não conseguem nem negar, chamar a atenção ou mesmo proibir e quando vemos estão lá... “Anarriê!!” e como já expressa a palavra francesa “voltar todos aos seus lugares”, assim todos voltam, as crianças rindo e os craques tranquilos depois de um grande baile, mas ninguém volta mais para seus lugares como os professores que segurando os queixos voltam para suas salas, resmungando o baile de meninos como casal de noivos, mas não podendo deixar de reconhecer que bailaram belamente e “Anarriê!”

A preocupação inicial era dar significado a festa junina, ultrapassar os ensaios e a reprodução anual que para os alunos, por vezes, não faz tanto sentido, além de um dia sem aula, dedicado a dança e comilança. Assim, após uma pesquisa, a aula é planejada para falar de outro significado da festa de Junho, como festa da colheita, remetendo a questões da área rural, de plantações e assim abrir uma possibilidade para o trabalho com outras disciplinas, discutindo geografia, área rural, história, alimentação, aulas que são compostas por vídeos e teatro que revelam esse outro sentido da festa junina. Mas, “Anarriê”.

Todas as atividades foram feitas durante o período de ensaio e antes do grande baile e mesmo após com rodas de conversa sobre o que tinham para registrar, contar, para desenhar. Então, qual é a surpresa quando após desenhos, conversas sobre os pratos que foram trazidos e nossas aulas interdisciplinares e, como não podia deixar de ser, o assunto é o casal de noivos. A surpresa são falas que trazem “Como eles são crianças, tudo bem”, outro aluno já completa “Mas se eles fossem adultos, aí não, né?” pergunta da docente:

por que não poderia? As carinhas são curiosas, mas parecem dizer que essa pergunta tem resposta e a professora é a única que não sabe.

Surgem falas que mostram que não são das crianças, são de pessoas que educam essas crianças, como “homem com homem não pode”, “homem fica com mulher”, “mulher com mulher até pode dançar, mas homem não”, “isso é (...) posso falar o que é?” Sim, você pode falar. “Não posso não, é palavrão”. Resmungam todos os nomes que já escutaram, mas que não sabem reconhecer até que ponto são ofensivos, palavrão ou não, assim “viados, gays, bichas e bichinhas” são os adjetivos que saem. O que temos com isso é uma roda de muito tempo, com crianças falando sobre sexualidade, homossexuais, heterossexuais, diversidade, cultura. O que é surpreendente é o quanto os meninos se sentem reprimidos, reproduzem falas para expressar o que em casa se pensa que é “um homem”. As meninas por sua vez se mostram mais tranquilas na discussão, são as que se contrapõem a fala dos meninos, começam a questioná-los, não é regra, mas é notório que naquela turma a divisão acontece dessa forma, as meninas se colocam como questionadoras em sua maioria e os meninos enquanto “respondentes” utilizando falas de outros e outras que os formam.

Os rumores nos corredores

São cochichos e mais cochichos... “Ele fala, tenho duas mães...”

Os corredores ficam marcados de rumores da vida do outro, da vida daquele menino que tem duas mães...

“Que horror!!!” Como pode um corredor guardar tantos rumores, tantos terrores, terrores de cada um...

É tempo destinado a olhar para o querer do outro, o amor dos outros, a casa dos outros, o quarto dos outros...

A escola cercada de “futricanças” da vida do aluno, mas e a aprendizagem? E o aluno? E o meu trabalho de professora? E o respeito?

Isso é despeito, desrespeito, como pode? Uma mãe amar alguém que fuja ao que se tem como normal, natural, divino, romântico...

Os corredores se armam, começam a disparar comentários do menino: ele é um aluno mediano, como a maioria da escola, tem notas ok, comportamento ok, não briga, não tem problemas tão grandes até (...).

O corredor saber que sua mãe está casada com outra mulher, para o menino, tranquilo, mas os corredores correm em desespero para contar a todos o diferencial desse aluno e assim manter todos armados. Já o mais interessado diz “tenho duas mães” com ponto final e o corredor ecoa com suas vozes estridentes “ele fala, tenho duas mães”. Fala acompanhada de pontos de exclamação e interrogação, mas que podiam nos dar três pontos para conhecermos a história de um menino/aluno, parte da escola, sujeito, autor que tem memórias e que tem ouvidos, olhos, senti e aprende. Pode ter duas mães, dois pais, avós, avós, tios e tias e o que mais identificar como família, podendo andar pelos corredores e que este corredor se cale, que não corra por ele preconceitos arcaicos e “futricanças” de pessoas avessas ao querer e amar do jeito que lhe agrada.

Frente a comentários diários e questões que entram pela porta da sala de aula, me vejo em busca ao estudo e ainda a como trazer isso para aula e como responder a perguntas que estouram como pipoca. Pensando ingenuamente que os corredores não sairia por aí falando e falando, acreditei que os alunos não trariam para sala perguntas relacionadas a questão do menino com duas mães, mas fui surpreendida pelas crianças me perguntando se eu sabia e me questiono

(...) nós devemos enfrentar o desafio de problematizar as normas de gênero e sexualidade na formação de professores/as para além do respeito à diversidade, isto é, para além da crença na existência de um grupo dos/as iguais e em um grupo dos/as diversos. A questão está em pensarmos sobre o modo como queremos interagir com a diferença — se ficaremos no estranhamento normalizador e na melhor das hipóteses respeitável, ou se usaremos da visibilidade da diferença como aposta nas experiências de gênero e sexualidade ainda não vividas. (Duque, 2014, p.662)

A fila- Trenzinhos rosas e azuis (primeira parte)

São tentativas, são tentativas cansativas, repetidas de enfrentar a fila, alias as filas, sempre de meninas e meninos e nunca única.

As filas desde sempre nas escolas são duas e dividem as crianças assim, as meninas “rosas” de um lado e os meninos azuis em outra fila do lado,

alias que fique claro que aos berros se diz, “você está na fila errada”, é tão forte os lugares que cada corpo deve estar, que não aceitar passivamente isso parece loucura, falta de conhecimento ou provocação, provocar das meninas em relação aos meninos ou dos meninos puxando os cabelos das tidas como “princesas”.

A tentativa inicial acontece em 2013, mas o fracasso logo vem. A escola tem no chão com pintura em tinta branca onde devem ficar as filas de meninos e meninas de cada turma, as crianças chegam e já se colocam entre os riscos brancos, não se arriscam, não rabiscam e eu arrisco e não consigo a ideia de fila única, pois único é o pensamento, a organização é essa, de anos, de todos, de sexos, de gênero. Batalha perdida e luta perseguida.

A fila (segunda parte)

Dessa vez a batalha começa sem o desejo tomar conta da parática pedagógica da professora e sim a partir de uma roda de conversa inicial, após brigas constantes nas filas, provocações e disputas de meninos e meninas. Já é 2014, outra escola, outra turma e uma sempre renovada professora com suas frustrações e esperanças.

Em roda é perguntado “No banco não temos fila para meninas e meninos separadas, nem no açougue, nem na padaria, por que na escola?”. Olhares atentos, provocadores e potencializadores. Como pensado o que vem é a ordem de nuca rígidas voltadas para os olhos dos colegas, a reprodução é recorrente, “estamos acostumados”, “sempre foi assim”. Outros pontos são ditos, “É verdade e ainda as meninas sempre entram primeiro na sala de aula e vão primeiro para o recreio”. È vem a tona comportamentos de anos, proteção dada a fila das meninas, tidas como frágeis, sensíveis e choronas.

Então arrisco-me “Somos todos iguais e diferentes, seria bom estarmos juntos não acham? Não tem quem é mais fraco ou mais forte, porque é menino ou menina, porque é mais alto ou mais baixo e outras diferenças, podíamos tentar”.

Centopeia

A Centopeia nasceu, são pés que formam a fila mais longa daquela escola, a fila é ainda algo para ser repensado e mesmo superado, mas os trens feitos de ferro, pelos trilhos com suas cores pintadas por outros dá lugar a uma centopeia colorida a mão, cabelos longos, curtos, bermudas, vestidos, sandálias e tênis e chinelos e suas cores indefinidas. O que se vê no pátio é a centopeia reboladeira que caminha, corre, escorrega em si mesma e nessa batalha a cabeça, o corpinho e o bumbum da Centopeia mudam todos os dias, são outras pinturas, outras posturas e outras figuras.

A aula está organizada para contemplar o projeto “Confabulando Fábulas” e a preocupação é ampliar o repertório das crianças em relação a fabulas e a questão do entendimento do que seria a moral, qual a importância disso e como formar moralmente as crianças. Apresento nessa aula de língua portuguesa a fábula da vez

A Rosa e a Borboleta – Fábula

Uma vez uma borboleta se apaixonou por uma linda rosa. A rosa ficou comovida, pois o pó das asas da borboleta formava um maravilhoso desenho em ouro e prata. Assim, quando a borboleta se aproximou voando da rosa e disse que a amava, a rosa ficou coradinha e aceitou o namoro. Depois de um longo noivado e muitas promessas de fidelidade, a borboleta deixou sua amada rosa. Mas ó desgraça! A borboleta só voltou muito tempo depois.

- É isso que você chama fidelidade? – choramingou a rosa. – Faz séculos que você partiu, e além disso você passa o tempo de namoro com todos os tipos de flores. Vi quando você beijou dona Gerânio, vi quando você deu voltinhas na dona Margarida até que dona Abelha chegou e expulsou você... Pena que ela não lhe deu uma boa ferroada!

- Fidelidade!? – riu a borboleta. – Assim que me afastei, vi o senhor Vento beijando você. Depois você deu o maior escândalo com o senhor Zangão e ficou dando trela para todo besourinho que passava por aqui. E ainda vem me falar em fidelidade!

Moral: Não espere fidelidade dos outros se não for fiel também.

“a”

Moral da história: nada de projeto, nada de fábula e nem moral. Vamos confabular? Isso mesmo, dentre tantas possibilidades a questão que não quer calar, antes de discutir a fidelidade e mesmo de ter um momento de teatro para representar a fábula contada, a negação é a preocupação, a necessidade de confirmar o não.

“Não pode...a borboleta é menina e a rosa também”

“Não entendi gente, o que houve turma?”

“Pro são duas meninas, veja que terminam com “a”, então está no feminino, não pode”

Moral: Discussão grupal

O sim e o não dividem opinião.

O pecado e o errado de mãos dadas sentam em cadeiras próximas na roda. Caem pétalas

Lagartas e borboletas conversam.

Pode e não pode, pode e não pode

Um sopro de vento diz “Se elas se amam, por que não? Elas se amam, amar não faz mal”

Tudo fora do normal, frente ao argumento de amor os espinhos ainda tentam espetar, mas são surpreendidos por tesouras e cortar-se verdades sem perfumes.

Moral: Caiam na real

Em meio a moral e o antes imoral no teatro as crianças pensam em representar a fábula “normal”. A história acaba sendo contada com rosa e outras flores, alguns meninos se nomeiam como cravos e entram no jardim. A borboleta é pequena, serena e morena. Encontra-se com sua Rosa, com ela brinca, ama e briga, terminam.

Termina o teatro, as flores se vão, o vento esfria as discussões e as gotas de chuva são finas, assim como a sutileza de olhares que repensam, calam, se abalam e nos falam “se amam, por que não?”

Concluimos

Com os momentos vividos e aqui apresentados de maneira mais sucinta buscamos revelar a formação escolar, humana, integral de crianças/alunas(os) do ensino fundamental e revelar ainda olhares para questões de gênero e sexualidade, mostrando que as conversas, as dúvidas e colocações de crianças são para nós a simplicidade e a complexidade, nos traz leituras diversas e aprofundadas dentro de um pensamento infantil permeado de influências culturais e educação recebida a partir de adultos.

As crianças que ocupam o papel de alunas e alunos na escola precisam ser compreendidos como parte dessa sociedade e como sujeitos em processo de formação, formação essa mais do que escolar, pois frente ao que lhes forma enquanto pessoas históricas nos surpreende suas reflexões que, por vezes, desconstroem a maneira de olhar imposta por adultos e os posicionamentos que reproduzem hierarquias construídas e defendidas como naturais, que tem colocando o que é mais ou menos legítimo.

Com essa reflexão repensamos a prática pedagógica e a formação de professores, formação acadêmica e formação cotidiana, para esse caráter formativo temos como possibilidade de reflexão e ação baseada na sua prática pedagógica a narrativa como ferramenta rica para o conhecer a si e aos outros, conhecer profissional e pessoal, conhecer o que acredito que sou e estou

(...) o professor, ao narrar de maneira reflexiva suas experiências aos outros, aprende e ensina. Aprende, porque, ao narrar, organiza suas ideias, sistematiza suas experiências, produz sentido a elas e, portanto, novos aprendizados para si. Ensina, porque o outro, frente às narrativas e aos saberes de experiências do colega, pode (re)significar seus próprios saberes e experiências (CLANDININ, 1993 *apud* FREITAS e FIORENTINI, 2007, p. 66)

Por fim, acreditamos que os espaços de educação, a escola e a sala de aula se colocam como um lugar de reflexão sobre a promoção de diferenças, nos fazendo pensar em como educar crianças, adultos, enfim pessoas para um outro mundo possível, em que a diferença não seja vista erroneamente como desigualdade.

Sala de aula

São 4 horas por dia, paredes frias, pessoas frias e conhecimentos por vezes frios querendo esfriar raios de sol...

É um espaço que pode se tornar tudo, mar, deserto, rua, congresso. Tem criança com seu corpo, rosto, gosto, a sala pode ser um arcabouço ou um alvoroço, pode ser nave espacial, lua, floresta, tem meninos, meninas, tem “periquitas” e papagaios, tem um universo de conversas e possibilidades, porque não olhar para isso como um céu que sem fim, nos faz caminhar, ir e voltar, querer, mudar, rever, cansar...

Sem ser um céu de bondade e um inferno cheio de desejos... Desejo de perguntar, mas não poder... De querer olhar e ser perseguido pelo certo e errado, ensinado no puro erro... No puro meninas e meninos, separados pelo corpo, na distância de uma educação que os prende e repreende, que a sala de aula seja tudo, menos um espaço de silêncio, preconceito, empobrecido de conversas e de formação para um ser integral e não um “respondedor” e “aceitador” de coisas.

Referências

DICKEL, A. **Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate.** In GERALDI, C.M. G., FIORENTINI, D., PEREIRA, E. M. (Orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)- pesquisador(a).** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil- ALB, 1998.

DUQUE, T. **“Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!”: gênero, sexualidade e formação de professores/as.** Revista Educação | Santa Maria | v. 39 | n. 3 | p. 653-664 | set./dez. 2014.

FREITAS, M. T.M. e FIORENTINI, D. **As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática.** Horizontes, v. 25, n. 1, jan.-jun. 2007, p. 63-71.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico crítica: primeiras aproximações.** 8 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SCALCON, Suze. **À procura da unidade psicopedagógica: articulando a psicologia histórico-cultural com a pedagogia histórico-crítica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

Souza, Elizeu Clementino de, **(AUTO)BIOGRAFIA, IDENTIDADES E ALTERIDADE: MODOS DE NARRAÇÃO, ESCRITAS DE SI E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO.** Revista Fórum Diversidade. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008